

Ponto de Vista



Este é um espaço dedicado a opiniões abertas sobre temas atuais de nossa área, visando principalmente a conhecer qual o conceito da FUNÇÃO DO ESPORTE NA SOCIEDADE, segundo o Ponto de Vista de diferentes intelectuais.

QUAL A FUNÇÃO DO ESPORTE NA SOCIEDADE?

*Maria Auxiliadora de A. Machado **

Sabe-se que todo processo educacional procura, em sua essência, atender adequadamente às necessidades biológicas, sociais e culturais da população a que se destina.

Nos tempos hodiernos, aos esportes tem se atribuído grande importância como instrumento educacional dos povos.

É de fácil percepção o relevo que tem para o ser humano o movimento como o ato físico que materializa a expressão de uma vontade, normalmente se expressando por um conjunto de atos ao qual se convencionou chamar de movimentos. Eles estão presentes em todas as atividades humanas: no cotidiano, no trabalho, no lazer e no desporto.

A sua definição tem ocorrido de várias formas por diferentes autores. Newell refere-se geralmente ao deslocamento do corpo e membros produzido como uma consequência do padrão espacial e temporal da contração muscular. Portanto, ele é um comportamento observável e mensurável.

Segundo Connolly, é através dele que o ser humano age sobre o meio ambiente para alcançar objetivos desejados ou satisfazer suas necessidades. Atribui-lhes também grande importância biológica para o organismo, no sentido de que constituem os atos que solucionam problemas motores.

Para Schmidt, o valor dos movimentos não se restringe ao aspecto biológico. Enfatiza que a capacidade do ser humano de se mover é mais do que uma simples conveniência, que lhe possibilite andar, jogar e manipular objetos. Ela é um aspecto crítico do nosso desenvolvimento evolucionário.

* Professora do Departamento de Psicologia e Sociologia da UFS.

Desde a construção de abrigos e de ferramentas por parte dos nossos ancestrais até se chegar à complexa tecnologia e culturas modernas, os movimentos desempenharam e continuam a desempenhar um papel fundamental.

A considerar ainda sua grande importância social e cultural. Através dos movimentos ocorrem a comunicação, a expressão de criatividade e a dos sentimentos dos seres humanos.

Na infância, as experiências motoras são de fundamental relevância para o desenvolvimento cognitivo. Os movimentos fornecem o principal meio pelo qual a criança explora, relaciona e controla o seu ambiente.

Em síntese, pode ser dito: onde existe vida, existe movimento e vida é impossível sem movimento.

O esporte é movimento.

O movimento está presente no esporte.

Atualmente, além das funções de saúde e lazer aos esportes se atribui função de integração do indivíduo na sociedade.

Os benefícios da prática regular dos esportes não chegam a todos os segmentos da população brasileira. Convivemos com implicações políticas e sócio-econômicas além da infra-estrutura desportiva de tal ordem a exigir uma nova definição das diretrizes para o esporte, vez que a linha de ação escolhida deverá, necessariamente, revelar coerência com a realidade do País e com as especificidades de cada uma das suas regiões, levando em consideração o verdadeiro fator de integração dos esportes, consubstanciado no respeito ao indivíduo quer no seu posicionamento singular ou coletivo.

Com esse propósito, mister se faz a execução de programas que visem a conscientização da população para a importância da prática regular de esportes.

Há também necessidade de uma preparação psicológica para o esporte quando se trata de competição.

A competição é uma situação ansiogêna por excelência, pois, antes, durante e após a mesma ocorre o "sofrimento" de várias pessoas, sejam elas atletas, dirigentes, técnicos ou torcedores.

Na competição o atleta sabe dispor de uma só opção: o desempenho máximo. Além do mais, tem a responsabilidade de corresponder aos anseios de equipe técnica que o preparou, dos amigos, familiares, etc.

A mente tem enorme influência sobre o nosso corpo. Afirma-se que o desempenho de um atleta na competição é determinado por seus pensamentos, atitudes e imagens que tem de si e do mundo que o cerca.

A preparação psicológica é a ação que tem por objetivo desenvolver a capacidade psíquica do desportista, protegendo-a contra os fatores estressantes do ambiente esportivo e utilizando-a no sentido de obter-se uma performance máxima na competição compatível com a condição de "ser civilizado".

Pretende o treinamento psicológico, usando técnicas específicas, tornar o desportista imune aos agentes que bloqueiam ou debilitam seu potencial psicofísico.

No âmbito do esporte amador, com tristeza, se constata de forma muito accentuada maus profissionais da área dos esportes, alcovitados por pseudo-educadores (diretores de escolas) direcionarem o comportamento no sentido de profissionalização dos atletas até mesmo a nível de 1º grau, demonstrando assim, uma falta de consciência crítica. Aqueles considerados "bons e excelentes atletas" sempre são super-valorizados para serem "comprados" através de "bolsas de estudo" e transferências para colégios. Tais condutas refletem o descompromisso com a educação além de contrariarem os princípios da ética profissional e induzirem no jovem a falta de fidelidade a ideais levando-o a possíveis desvios de personalidade.

Sabemos que a sociedade exige igualmente de todos mas não recompensa a todos igualmente, ou sequer de acordo com os seus esforços.

Assim, é de se refletir:

O esporte tem contribuído para uma sociedade mais humana, justa, harmoniosa e criativa?

Os jovens através do esporte têm tido consciência da realidade e do respeito ao outro?

As atividades esportivas numa sociedade competitiva têm contribuído para uma participação ativa e integradora?

A forma com que estão sendo desenvolvidas as competições esportivas tem dado condições a estimulações de novos jovens se integrarem ou tem fortalecido um determinado grupo?

De quem será a responsabilidade?

Da criança? Do jovem? Da sociedade?

De todos nós?

É preciso refletirmos...
É preciso discutirmos...

É preciso gostar da vida e das pessoas, de todas as pessoas e da pessoa toda.

Sim. "Gostar do outro e da criança (também) em alma e corpo inteiro, sem restrição nem fronteiras..."

Façamos do esporte a bandeira de uma metodologia humanizante que a todos possa envolver numa prática interdisciplinar, a cada um dando a oportunidade de colocar o tijolo de sua experiência no edifício maior da sociedade humana.

●
*Antonio Samarone de Santana **

Antes de arriscar-me em conjecturas sobre tema tão delicado, gostaria de levantar duas dúvidas, como mote para reflexão: em primeiro lugar, que a função social do esporte, como de qualquer atividade humana, é determinada pelo modo de produção social, como processo histórico, variando temporalmente, e que não existe uma resposta definitiva, absoluta, invariável, que essa função vem sofrendo modificações e adaptações permanentes de modo a atender objetivos diversos, em formações sociais distintas.

A segunda dúvida é se, mesmo limitando-se a abordagem a um determinado momento histórico, nas sociedades divididas em classe pode-se universalizar a função do esporte? Se o esporte tem a mesma função social quer se trate de setores marginalizados de um grande centro urbano, de trabalhadores rurais, da classe operária, dos setores médios ou da alta burguesia?

Postas essas duas premissas que seriam basilares para qualquer análise mais aprofundada do tema, suspeito que na sociedade brasileira o esporte cumpre prioritariamente o papel de destacar as distâncias sociais, transformando, para uma pequena minoria de "bens-dotados", o esporte em competição/espetáculo, e a grande maioria de impotentes em espectadores passivos e aparvalhados.

Não acredito que no Brasil a função do esporte de disciplinar os corpos e domesticar os espíritos tenha conseguido qualquer resultado importante. Felizmente somos

pouco afeitos a ordenamentos militares, normas, filas, etc, tanto, que onde o esporte consegue ser praticado por massas, que é na classe média urbana, ele é transformado em passa-tempo, lazer, mudando-se suas regras e formas, transformando-se em atividade trivial.

O esporte apresenta-se também como atividade econômica, com profissionais, treinadores, auxiliares das mais variadas formações, em torno da qual se estrutura todo um complexo industrial para produção dos equipamentos e materiais necessários à prática dos mais variados esportes.

Não vejo também importância na função do esporte como canal para ascensão social. Um ou outro "popular" talentoso, pode, em alguns esportes, conseguir destaque e sair da miséria por este caminho, mas a maioria mesmo morre na várzea.

Para não decepcionar quem me conhece com médico, esclareço que não concebo nenhuma função importante do esporte como determinante do estado de saúde, nem individual nem coletivamente falando; e que talvez, como o esporte é quase sempre praticado com boa dose de competição, quem apresenta-se em melhor estado de higiene leva certa vantagem na maioria dos esportes.

●
*Dr. Gilson do Nascimento Melo ***

A história da humanidade relata a preocupação que o homem sempre teve em manter o seu corpo bem condicionado para desempenhar melhor suas atividades no dia-a-dia.

Atualmente, observamos o interesse crescente do homem em praticar algum tipo de modalidade esportiva, competitiva ou não, visando manter em equilíbrio corpo e mente.

Seguindo este raciocínio, corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único ser.

Cientificamente está comprovado que o indivíduo que pratica alguma atividade esportiva secreta substâncias (hormônios) em maior quantidade, ativando algumas partes do cérebro, fazendo com que a capacidade de raciocínio seja mais rápida ao contrário

* Especialista em Medicina do Trabalho e em Medicina Social.
Professor de Saúde Pública da UFS.

** Chefe da Divisão de Assistência ao Servidor da UFS.

daqueles que não a praticam.

A sociedade brasileira vem despertando, principalmente nos jovens, um grande interesse pela prática esportiva, apesar de não receber por parte do governo o apoio necessário para a formação desportiva. Sabe-se, porém, que as escolas públicas não oferecem, na sua maioria, condições básicas para desenvolver um trabalho educativo de embasamento teórico prático, por isso, justifica-se o não brilhantismo dos nossos atletas nas diversas competições.

Quinto do mundo em extensão territorial, sexto em população e sétimo em produção industrial o Brasil se coloca num dos lugares mais humilhantes no desempenho esportivo, devido à ausência de uma infraestrutura e de um incentivo eficaz.

Uma das funções primordiais do esporte é o desenvolvimento psico-motor do indivíduo, pois quanto mais cedo praticar uma atividade física, melhor desempenho terá.

A atividade esportiva quando bem praticada contribui para um relaxamento mental e corporal, diminuindo o "stress", propiciando ao organismo um melhor desempenho das suas funções.

Ultimamente o avanço tecnológico do material esportivo tem facilitado no aprimoramento do vigor físico do homem, tornando-o mais feliz, superando distância e tempo.

O esporte tem contribuído para o desenvolvimento sócio-cultural e econômico da humanidade de um modo geral, aproximando nações e povos, não respeitando preconceito racial, poder econômico e divergência religiosa.

Como se pode observar, o esporte será sempre essencial ao homem, principalmente numa sociedade conturbada, devendo permanecer acesa a tocha olímpica, momento único de união da comunidade das nações, em torno de um ideal tão nobre como o esporte.



*Neilza Barreto de Oliveira **

Um desafio! Foi simplesmente o que pensei quando solicitada para escrever sobre a Função do Esporte na Sociedade.

O desafio consiste justamente, por

meu trabalho profissional estar mais voltado para as questões agrícolas e agrárias, o que o distancia das quadras de esporte e das relações que aí se estabelecem. Na Universidade, leciono as disciplinas Sociologia Geral e da Educação, com turmas de até 50 alunos, dos mais variados cursos, inclusive, Educação Física. Ora, se já considero desafio um professor que, na tentativa de fazer um curso crítico, lida com alunos de variados cursos, trazer do abstrato ao concreto o conteúdo dado em sala de aula, quando afloram questões práticas do cotidiano dos futuros profissionais, que devem ser analisadas, interpretadas, para que os mesmos, enquanto agentes possam atuar e transformar a sociedade, imaginem o desafio de discorrer sobre um tema de uma área tão específica de conhecimento.

Colocadas essas questões, vamos ao tema que aceitei expor.

A sociedade a que vou me referir davante é a sociedade brasileira, capitalista, dividida em classes sociais e suas frações. Uma sociedade do terceiro mundo, integrada aos países mais desenvolvidos dentro de uma lógica do capital bastante clara e de uma divisão internacional do trabalho. Uma sociedade na qual o contraste entre ricos e poderosos convivendo com a miséria, a fome, a desnutrição e a morte dos explorados é marcante. Uma sociedade na qual existe uma camada social intermediária que, ora pende para a opulência, interiorizando valores e comportamentos dos mais poderosos, opondo-se à luta dos miseráveis e oprimidos e, em outros momentos quando tende à pauperização, reconhece naqueles os verdadeiros agentes históricos que podem, devem e vão fazer transformações profundas na sociedade e, consequentemente tentarão instaurar a justiça e a igualdade social.

É dentro desse quadro que tentaremos colocar a Função do Esporte na Sociedade, agora, brasileira.

Algumas reportagens da revista "Isto é/Senhor" de 31 de maio de 1989 e do "Jornal do Brasil" de 14.05.89 oportunamente caíram em minhas mãos, chamando-me a atenção. As duas primeiras versam sobre modalidades de esporte que na "hierarquia" – se é que isso existe no esporte – estariam dentre aquelas que ocupam os mais baixos níveis hierárquicos das modalidades espor-

* Professora do Departamento de Psicologia e Sociologia da Universidade Federal de Sergipe.

tivas, em que o capital pode ser investido e consequentemente angariar lucros-atletismo e basquete. A última reportagem detém-se sobre a linguagem futebolística, desta feita o professor não se detém apenas naqueles que fazem esporte por profissão, mas nos que, Procurando o Lazer - e ainda podem usufruir - são peças importantes da vida do esporte e engordam, enquanto consumidores, o capital.

Quando falo sobre a "hierarquia" do esporte e investimento do capital, estou pensando em esportes tipo Formula 1, Tênis, Golf etc ocupando os níveis hierárquicos mais altos (elitistas), descendo à escala futebol, basquete e volei, descendo um pouco mais o atletismo. Se vou nessa direção, vislumbro os instrumentos e equipamentos necessários para se praticarem tais esportes, a qualidade da matéria-prima utilizada e a força de trabalho. Nos primeiros tipos de esporte a que me referi vemos claramente o custo e o capital que são investidos e a força de trabalho que no geral, sai das classes sociais mais abastadas, ou, em alguns casos, quem os pratica são poucos, pelo lazer que dá, prazer, não sendo portanto profissionais. Nas duas últimas escalas hierárquicas, a questão da profissionalização, do esforço necessário para a sobrevivência fica mais transparente, o investimento do capital, sua exploração e opressão mais cristalinos. Aparece nestes casos também a origem de classe daqueles que o praticam enquanto profissionais e até mesmo pelo lazer. Finalmente, temos que levar em consideração os consumidores dos diversos tipos de esporte dentro dessa hierarquia. E aqui, os preços de mercado que serão revertidos em lucros para os capitalistas selecionam o público consumidor delimitando as classes sociais que procuram como lazer o seu esporte preferido e até induzindo a cultura de classe para esse ou aquele tipo de esporte. Seria necessário mais tempo e espaço para refletirmos sobre o emaranhado de investimento de outros capitais que usufruem do esporte (comunicação, calçados, vestimentas, relógios, etc).

Agora, retomemos as reportagens. A "Isto é/Senhor" diz "Como é que uma ex-professora de 25 anos, acostumada a treinar em pista de barro, ciclovias de Natal, consegue superar duas norte-americanas, das melhores no ranking que ainda dispõe da mais avançada infra-estrutura de treinamento, bons patrocínios e cobram até US\$ 5

mil para entrar numa pista?"

Duas questões há para se analisar neste primeiro momento: a integração terceiro-mundo-páis desenvolvido, dentro da lógica do capital e da divisão internacional do trabalho, além do investimento do capital no esporte. O autor do artigo demarca as condições de trabalho (treinamento) das atletas, colocando em seguida a questão dos bons patrocínios (investimento do capital). Ainda nessa direção, no final da reportagem é visto que Magnólia, a atleta brasileira em pauta, recebeu um patrocínio mensal do "Pão de Açúcar" no valor de NCz\$ 1.200,00, devido à sua vitória no dia 21 de maio. O salário atual de Magnólia é de NCz\$ 250,00 enquanto no início da reportagem fica claro que o exigido para as norte-americanas entrarem na pista é de US\$ 5 mil.

A reflexão que podemos fazer é esta: Magnólia, Esmeralda, João etc são atletas provenientes das classes exploradas e oprimidas, "perseguem um sonho" - transformarem-se em campeões - ultrapassam as barreiras econômicas, sociais e políticas da sociedade do terceiro mundo, na maioria das vezes não recebem assistência médica, técnica, incentivo do governo ou do Estado. Muitos desses esportistas são obrigados a desenvolverem duas atividades profissionais: uma que se reverte em salário e garante a sua sobrevivência, e a outra que, num esforço sobre-humano - suas energias já estão debilitadas em virtude da primeira - conseguem objetivar paralelamente: o esporte. Quando conseguem sobressair, superpondo-se, inclusive, àqueles dos países desenvolvidos, são mitificados, ideologizados, simbolizados pelo capital, que tenta se justificar dentro da sua filosofia e essência, demonstrando que: é possível qualquer um enriquecer, ou ainda, todos têm as mesmas condições de igualdade e podem chegar lá (sic). Mas, o que resta aos nossos atletas no momento dessas vitórias? A luta pela vida muda de eixo. Agora, enquanto campeões e reconhecidos, resta-lhes procurar ou serem descobertos por algum patrocinador, o que lhes melhorará as condições de trabalho para fazerem aquilo para que já demonstraram terem competência e capacidade. Por sua vez, o capital que penetra e se enraiza por toda a sociedade como um câncer, está ali, à espera de uma força de trabalho: disciplinada, competente, qualificada, da qual ele procura retirar o maior proveito daquilo que pode lhe dar lucro, para poder continuar a

engordar, acumular e dominar – também na Indústria do esporte.

A segunda reportagem nos apresenta uma outra desportista que, nos parece, já percebeu e se integrou ao espírito do capital e tenta, ao ser explorada, uma forma de usufruir do mesmo. Se não, vejamos: "O Marketing de um casamento". Já pelo título o artigo está impregnado do capital (sem comentário). A reportagem da "Isto é/Senhor" diz no final "em seguida o casal vai virar griffe esportiva". A jogadora de basquete Hortência, diz em reportagem da semana anterior ao seu casamento, que vai continuar jogando, demonstra a sua individualidade e aponta como usufruir daquilo que ela tem competência para fazer – jogar basquete, o momento que ela está atravessando é o melhor possível, o que, numa linguagem esportiva significa "está em boa forma". E aponta mais, para como ela interioriza o capital, se engaja e tenta usufruir do seu jogo de capitalização. Se Hortência vier a se transformar em uma boa empresária, dificilmente acabará vivendo do assistencialismo dos seus fãs, como alguns craques que deram glórias e vitórias aos consumidores dos estádios, enriqueceram patrões e cartolas e acabaram na miséria. É bom que se frise que ela, se vier a se transformar em empresária, estará também mudando de classe social.

Por fim, a terceira reportagem, a do professor Osvaldo, fala sobre este controvérsio esporte que é o futebol. O futebol, esporte mais difundido entre as camadas populares brasileiras, perpassa também pelas mais aquinhoadas e pelas intermediárias. Joga-se futebol para se perder a barreira adquirida por não se fazer nada, a não ser explorar os outros. Ou, para esquecer por noventa minutos a exploração de uma semana de trabalho. Joga-se sem a mínima condição de saúde ou de trabalho, mas, por ser o futebol uma profissão e por se ter que "ganhar a vida". Ou, com todas as condições, pois tornou-se um craque, é reconhecido, patrocinado e pode exigir melhores salários e condições de trabalho devido à mercadoria de que dispõe (?) – sua força de trabalho para atingir o pico dos preços no mercado.

Porém, o que o professor tenta estudar é a linguagem daqueles que praticam e consomem o futebol. Um viés de estudo

muito interessante. Ele mostra como o futebol-indústria e como a mídia trabalha a linguagem, deteriorando a criatividade dos jogadores e consumidores. E comenta o empobrecimento da linguagem futebolística e esportiva nos últimos anos.

O que me chama a atenção no artigo do professor Osvaldo é justamente a ponte que ele faz entre o futebol-indústria, a indústria da comunicação, homogeneizando a linguagem que não sai do campo de futebol. Reconhece a criatividade das camadas populares quando estas transformaram o inglês e do esporte em português abrasileirado, saindo dos próprios estádios, ou das camadas populares empobrecendo e criando a linguagem do esporte que lhes é mais acessível para consumir como lazer-prazer.

Concluindo o desafio. É nesta perspectiva de classes, de enraizamento do capitalismo e de criatividade e sobrevivência do povo brasileiro que vejo a função do Esporte na Sociedade Brasileira.

●
Profª Ada Augusta Celestino Bezerra *

Talvez em decorrência mesmo da minha formação como educadora e da minha história de vida profissional, encaro o ESPORTE como um forte componente pedagógico na vida do cidadão. A história nos diz que as sociedades primitivas o adotaram como recurso efetivo de treinamento para a sobrevivência social e para a guerra. Inserido no âmbito da educação física, com diversas modalidades, o esporte, pelo desenvolvimento metódico de exercícios físicos, programados, ritmados, tem feito emergir seu sentido estético e de lazer. Individualmente ou através de equipes ele tem assegurado sua posição na sociedade atual, sendo muito fortes suas marcas de habilidade, vigor físico e intelectual, entusiasmo e decisão, oportunizando sempre o encontro de muitas pessoas na sua prática ou no seu acompanhamento. Seu sentido social é muito evidente, sendo que dele a sociedade capitalista se apropriou enfatizando a competitividade e sua possibilidade rentável enquanto negócio, características associadas às leis orgânicas do capital. Vemos sua evolução em direção a festivais, espetáculos e competições de amadores, profissionais e até intercolegiais, em muitos casos trabalhados em direção

alienante. Preocupa-nos também sua elitização no seio desta sociedade de classes mas sobretudo a perda do seu sentido político. Acreditamos que através da Educação Física possa vir a ser resgatada a essência da prática desportiva enquanto função social e política de modo a colocá-lo na perspectiva progressista do movimento integral do homem, da indissociabilidade corpo/mente, suor físico/ciência, em favor do processo de transformação que busca uma sociedade mais justa e igualitária.

●
*Eduardo Ubirajara Rodrigues **

Do "disporte" francês do século XIV, esporte tem o significado de recreação, passatempo, prazer, lazer. A encyclopaedia Britannica lembra-nos o termo "déporter" na acepção verbal de "divertir-se", mas que significa, também, suportar, saber levar bem as coisas menos boas.

Neste breve artigo não vamos perder tempo em conceituar "esporte", o que transpareceria uma exibição erudita de um academicismo burguês, positivista, sob o ponto de vista etimológico e temático-institucional. Por outro lado não se pode falar, gratuitamente, em "função" ou "importância" de alguma coisa, sem racionalmente, informar-se sobre o significado teórico-prático a que se objetiva atingir, a quem interessa o assunto, em que sentido se deseja revelar essa função ou importância, no caso, aqui, do ato esportivo. Assim, lembramos que "esporte" tanto pode denotar exercício físico, para fins recreativos, para competições, como terapia para aquisição de um determinado modelo físico ou para manutenção de padrões de saúde. O "esporte" está ainda aliado aos movimentos psicosomáticos na busca do equilíbrio mente-corpo, assim como uma atividade de adestramento profissional na formação de mão-de-obra especializada, isto é, como trabalho sistemático, formal. Desta forma, o esporte pode, sob o aspecto psicológico, exigir competitividade, cooperação (principalmente nos esportes coletivos), coragem, interesse e motivação – quando se visa a recompensa, qualquer que seja a sua forma.

Nossa vivência nos esportes tem-nos revelado duas facetas em função do social. Primeiramente, ao participarmos, desde a infância, de qualquer modalidade esportiva,

lúdica, sempre fomos impelidos a resgatar nossa identidade, quer como atleta-modelo, quer como co-partícipe de uma força privilegiada, detentora de vitórias. Esta é a face do individualismo que, ao transcender o personalismo, leva o cidadão esportista despreparado ao egoísmo, muitas vezes servindo às classes dominantes da sociedade, como um semi-deus protegido e protetor dos dirigentes dessas castas. Aí o esporte funciona com um caráter pedagógico contrário à relação trabalho-educação, como uma relação social definidora do modo humano de existência, de busca de liberdade. A segunda faceta que se nos apresenta enquanto admirador dos esportes, de um modo geral, é a que nos induz a aceitar o "modus vivendi" das relações sociais de sistemas de governo totalitários, com suas conotações de força, de poder, de violência, até, como sintomas e instrumentos de manutenção do "status quo". Aí, desde os primeiros jogos de Atenas, vamos identificar o pão e o circo que mantêm sociedades sub-desenvolvidas, pedagogicamente bem subordinadas, dependentes. E o simples admirador passa a ter o papel de propagador dessa dominação.

Com relação às experiências com nossos alunos de Educação Física, inicialmente temos que confessar nossa identificação com o espírito lúdico das turmas deste curso. Prende-se, exatamente, ao fato de termos participado, na vida escolar, de movimentos esportivos o que, de certa forma, desenvolveu-nos um espírito de desportividade nas nossas relações em sala-de-aula – e fora delas – com nossos alunos. Nos programas de Metodologia Científica e de outras disciplinas, injetamos exemplos práticos de nossas experiências, assim como colocamos exemplos ligados a aspectos psicosociais de nossa clientela escolar, aspectos sócio-político-econômicos de nosso país, de forma atualizada, mostrando como essas relações despertam confiança, motivação com interesses consequentes, que têm reproduzido nossa preocupação pela politização de nossa sociedade, na busca de uma conscientização e ação efetiva libertadora das classes menos abastadas. Esta tentativa de quebrar barreiras tradicionais da educação torna-se, desportivamente, mais fácil e fértil junto aos alunos de Educação Física, posto que muitos desses jovens não encontram um diálogo franco com os pais ou com seus ex-professores, fazendo-os identifica-

* Professor do Departamento de Filosofia e História da UFS.

dos com tantas minorias discriminadas, marginalizadas muitas vezes pelos estereótipos sociais dominantes.

Desta forma concebemos, na práxis, "esporte", funcionando como um dos poderosos instrumentos pedagógicos, na aproximação dos seres humanos, quer para submetê-los a determinado sistema, quer para propiciar-lhes independência. É nas relações esportivas que nos colocamos diante das facilidades e dificuldades impostas à sociedade. Cabe ao educador de esportes, entretanto, levar luzes de conscientização dos papéis desempenhados por quem admira ou pratica esportes. Essas relações pedagógicas em qualquer esporte podem ser bem aproveitados na busca da extirpação das segregações impostas às classes sociais dominadas, discriminadas.

● Prof. Euclides Redin *

A atual situação do esporte na sociedade tem uma função pelo menos ambígua. Considero o esporte, o lazer, o brinquedo, uma atividade fundamental na vida de cada pessoa e de todas as pessoas. Definitivamente, não é uma "atividade de consolação" ou atividade de compensação das frustrações sofridas nas outras atividades desgastantes do cotidiano. Tanto o brinquedo é importante que o é até para o equilíbrio do psiquismo animal. Até os animais "brincam" – É óbvio que o ser humano, em situação de normalidade, também brinca. Em situação de ausência de preconceitos, o brinquedo não é apenas específico da criança: é específico de toda pessoa normal em qualquer período da vida. O brincar faz parte da necessidade不可抑制的 da atividade de todo o ser humano sadio. O brincar não é apenas a busca de uma atividade prazerosa; mais que isto, é a resposta a uma exigência de atividade, quer ela seja prazerosa ou não. Os esportes, os brinquedos mais plenos que realizamos incluem desgastes, sofrimentos, cansaços objetivamente. Portanto, não é na satisfação imediata que o brinquedo tem sua gratificação. A realização plena do brinquedo está numa esfera bem mais profunda que a esfera da satisfação epidérmica. O brinquedo responde a uma necessidade psicológica de ação, de atividade, de imaginação, de fantasia, de beleza, de harmonia de vida.

* Psicólogo da Universidade Federal de Viçosa.

** Professor de Filosofia da Educação da UFS.

Nada disto tem o esporte, o brinquedo, o lazer da nossa sociedade. Estão nesta situação tanto nossa infância, como nossos jovens e particularmente os adultos do nosso país. Os brinquedos, os play-grounds, os parques infantis, os estádios, as praças, os programas de televisão e cinema esvaziaram o "lazer" de sua característica fundamental: a participação ativa. Somos uma geração de ESPECTADORES de lazer, de brinquedos, de esportes ou quando muito executores das ações de brincar programadas pela indústria dos brinquedos.

E para os outros adultos que não vão aos estádios, resta a busca dos consultórios médicos, dos cardiologistas ou das academias de ginásticas aeróbica. É preciso poder brincar... para tanto necessitamos que a organização do processo produtivo nos dê condições. Isto é urgente, antes que o mundo se torne um imenso manicômio.

● José Paulino da Silva **

Esta pergunta merece um breve esclarecimento inicial sobre o que entendo por esporte e a que sociedade estou me referindo.

Para mim esporte é toda e qualquer atividade que o ser humano exerce, estimulado por um desafio inerente à própria atividade. Um desafio que exige certa habilidade, certa criatividade por parte de quem a pratica. O que distingue esta de outras atividades humanas é o seu aspecto prazeroso: – o ser humano se sente bem ao fazê-la. Gosta de praticar. Em síntese, é este o sentido que atribuo ao esporte.

Quanto à sociedade, estou me referindo à sociedade na qual vivemos o que é marcada por grandes diferenças. Nesta sociedade há uma predominância muito grande do individualismo e da competição em detrimento da solidariedade e a concorrência é um dos fatores para se "vencer" e progredir a qualquer custo.

É a partir destas duas conceituações que quero situar minha resposta à pergunta que me foi proposta pela Revista MOTRIVIVÊNCIA.

Acho que o esporte de um modo geral e em especial certas práticas desportivas têm sido utilizadas pela sociedade como um "meio" para se estimular à "concorrência" e

ao "individualismo". O esporte tem sido muito manipulado por quem detém o poder sobre o mesmo, deixando de ser uma prática agradável por parte de quem a exerce, tornando-se inclusive um instrumento de manipulação do poder econômico e político. Um exemplo típico desta relação de dependência do esporte de determinada esfera de poder da sociedade são as olimpíadas.

Na sociedade atual o esporte passou a ser uma atividade que cada vez mais está a exigir estrutura e meios para se efetivar, porque passou a ser um produto de consumo.

O que questiono é se na sociedade atual, o esporte tem condições de se livrar deste tipo de manipulação! Entendo que esta questão deve ser um sério desafio para os educadores que têm se dedicado ao estudo do esporte como uma das atividades vitais do ser humano. Ninguém melhor que os professores e estudantes de Educação Física para aprofundar e ampliar esta discussão, sem dúvida complexa, mas estimulante.

●
*Luiz Leite Monteiro de Oliveira **

O termo função merece uma análise de seu significado, até porque ele é mais amplo do que usualmente supomos. Função é um termo que veio substituir o binômio "causa e efeito". A Ciência tem abandonado a noção de que uma única variável (causa) produz um único efeito. Mesmo em laboratórios cada vez mais se constata a natureza multideterminada dos fenômenos. Além disso dois eventos podem se suceder não porque um "cause" o outro mas porque ocorrem seqüencialmente. Daí hoje se falar numa "relação funcional" entre eventos. Função e não causação.

Outro significado de função é aquele dado pela teoria da evolução de Darwin e que indaga acerca do valor, dum evento ou comportamento, para a sobrevivência da espécie.

Qual a função do esporte na sociedade?

Começando com uma análise algo grosseira das relações funcionais envolvendo o praticante de esporte na sociedade, podemos associar o termo com outros do tipo: lazer, socialização, cooperação, sucesso e dinheiro. Mas também pode haver associa-

ção com termos dum outro tipo: "stress", "dopping", individualismo, competição, esquecimento e miséria. Conclui-se que o Esporte se constitui numa atividade complexa, multideterminada e multideterminante. É uma área que por si só mereceria uma disciplina científica exclusiva, com muito a descobrir e mais ainda a aplicar. Pouco sei de aprofundado a respeito mas já existe a proposta duma ciência da Motricidade humana, a qual por certo revolucionará a Educação Física, desde que essa esteja sendo vista exclusivamente como licenciatura ou técnica.

O estudo da atividade física humana não pode prescindir da Psicologia, especialmente daquela definida como estudo do comportamento, ou melhor, do comportamento em relação ao ambiente. A Motricidade não deixa de ser também estudo do comportamento, mas o destaque é dado à sua estrutura subjacente, à topografia e amplitude. Uma importante área de interface é a da psicomotricidade, envolvendo o conhecimento do esquema corporal, as coordenações perceptivas e as percepções espaço-temporais. A área da aprendizagem também permeia ambas as disciplinas. Sem exagerar poderíamos equiparar a importância da relação Motricidade e Psicologia com aquela existente entre a Morfologia e a Fisiologia. É difícil separá-las. Um pressuposto que tem-se mostrado produtivo na Psicologia é a de que "o homem é o que ele faz".

Para encerrar, cabe relembrar o conceito darwiniano de função. Em que o esporte contribui para a sobrevivência da espécie humana? Uma rápida análise parece revelar maior valor de sobrevivência do esporte no passado do que no presente. Uma das razões é a de que os avanços da medicina têm superado (?) muitos dos riscos da vida sedentária do homem moderno. O homem cada vez mais perde ou sufoca seus instintos em benefício duma civilização e cultura que apregoa valores como a paz e a concórdia entre os homens. É possível, acreditamos, que a sobrevivência da espécie não precise decorrer da disputa por território: alimento, sexo, abrigo e conforto. A espécie humana desenvolveu uma ciência e tecnologia que permite a sobrevivência de todos os indivíduos da espécie e não apenas daqueles mais fortes, mais aptos ou melhor armados. O esporte pode deixar de ser um adestramento necessário à luta pela sobre-

* Professor do Departamento de Psicologia e Sociologia da UFS.

vivência individual e passa a ser fonte de lazer e cooperação entre os homens. Será isso possível?

A questão que se coloca no esporte competitivo é a de que ele pode estar satisfazendo uma necessidade instintiva de luta pela sobrevivência. Se a agressividade é algo natural do homem, o jogo de competição é uma ritualização da antiga luta pela sobrevivência, permitindo o extravasamento dos impulsos naturais. O esporte é então a atividade onde as forças determinantes dos instintos animais e aquelas da cultura humana devem encontrar equilíbrio. É necessário então não só educar para o esporte mas educar no esporte. Do contrário a violência, como aquelas ocorridas no futebol inglês, deixarão de ser exceção e poderemos vir a perder o verniz civilizatório que nos define como homens, diferentes de animais.

●
*Profª Walburga Arns da Silva **

Geralmente quando pensamos em esporte o fazemos associando-o à qualidade de vida, à humanização do quotidiano, ao lazer, ao tempo livre, ao lúdico, ao prazer, ao exercício físico, à destreza, à saúde e valorização do corpo, a uma atividade que não tem compromisso com o útil e o rentável, não subjugada à obrigação, à necessidade; algo que se caracteriza como intervalo na opressão do trabalho, do desgaste pela sobrevivência.

No entanto, se pensamos na sociedade em que vivemos, parece que aquilo que falamos acima está fora do lugar, deslocado da nossa realidade: nesta, a grande maioria das pessoas são obrigadas a dedicar a maior parte de seu tempo e de sua energia ao trabalho estafante a fim de garantir o seu pão de todo dia. Do esporte se pode, assim, dizer o que Henri Lefebvre fala dos lazeres que "entram na divisão do trabalho social, não só porque o lazer permite a recuperação da força de trabalho, mas também porque passa a haver uma indústria dos lazeres, uma vasta comercialização dos espaços especializados". Há os Yate, tênis e jockey clubes, os clubes de Asa-Delta... para um público selecionado, há as equipes de vôlei e basquete patrocinados por grandes empresas... e há os campinhos de pelada que abrigam os times improvisados da periferia...

O esporte não escapa àquilo que se

pode chamar da predominância do econômico na nossa sociedade e que penetra em todos os setores de manifestação da vida humana. Não é mais o valor do uso que importa – no caso, a satisfação da necessidade de lazer, de jogo, de fruição – mas sim o valor da troca: o lucro, o objeto vendável. O próprio desportista, bem como a sua energia e habilidade, a sua imagem se tornam mercadorias, sujeitas às leis do mercado, às leis da competitividade, eficácia, rentabilidade no jogo da concorrência e na oferta ao consumo. Neste processo de reificação, o atleta-mercadoria se torna de exportação, de transações milionárias entre um clube e outro. A sua imagem vende refrigerante, vestuário e artigos de toda espécie. A sua pessoa, transformada em ídolo, atrai as massas ao estádio ou para diante da TV. Estas, privadas de tempo, espaço, equipamentos, condições físicas e psíquicas para usufruir de um esporte se encontram condenadas a serem passivos consumidores de imagens e espectadores do movimento e da atuação de outrem.

O profissional do esporte é submetido a uma disciplina rígida, a um adestramento que o leva aos limites de suas capacidades exigindo-lhes o máximo de rendimento semelhante ao sistema taylorista de exploração industrial – deve subjugar desejos, sentimentos e vontade pessoais à lei máxima da competição, ao vencer qualquer preço mesmo que este seja o da violência ou fraude. Há necessidade de ser o mais forte, o mais veloz, o mais resistente, o mais hábil... Aquilo que deveria ser jogo e prazer se transforma em violentação do próprio corpo e combate a outros. Não há parceiros mas sim confronto de adversários. Enquanto militares fazem da guerra (simulada ou não), um jogo, manuseando botões de computadores, seguindo a trajetória de mísseis e explosões na tela e deliciando-se com as imagens de morte e destruição, os desportistas, não raras vezes, transformam os jogos em verdadeiras guerras, defrontando-se com a violência ao vivo. Em ambos – na guerra como no esporte e no esporte como guerra – há negação da solidariedade e desrespeito ao ser humano. Ambos se constituem elementos altamente lucrativos na engrenagem da sociedade capitalista.

Não resta dúvida que para um redimensionamento da função do esporte na sociedade há necessidade de mudanças es-

* Professora do Departamento de Educação da UFS.

truturais na própria sociedade, acompanhada de revisão dos valores que impulsionam seus integrantes, passando da esfera da necessidade, da exploração/dominação para a esfera da liberdade, da solidariedade.

BIBLIOGRAFIA

LEFEBRE, H - Estrutura Social: a reprodução das relações sociais - in: Forachi, M.M. e Martins, Y. S. (org.) Sociologia e Sociedade - pag. 247, Livros Técnicos e Científicos Edt., 1981.